

Abordagens em torno da problemática do mal a partir do pensamento de Edward Schillebeeckx e Andrés Torres Queiruga*

Approaches around the problem of evil from the thought of Edward Schillebeeckx and Andrés Torres Queiruga

Valdete Guimarães**

Resumo

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre a temática do mal e do sofrimento a partir da perspectiva de dois autores que se destacam por fazer uma teologia comprometida com os paradigmas do mundo contemporâneo: Edward Schillebeeckx e Andrés Torres Queiruga. Schillebeeckx deixou as balizas bem traçadas para que Queiruga pudesse direcionar sua análise bebendo das fontes da teologia schillebeeckxiana. Após mostrar que a problemática do mal atravessa os tempos e continua sendo pertinente na atualidade, o artigo faz um balanço acentuando as semelhanças, dessemelhanças e a contribuição do pensamento dos dois autores para a problemática.

Palavras-chave: Schillebeeckx, Queiruga, sofrimento, mal, cristianismo.

* Artigo recebido em 31/08/2017 e aprovado para publicação em 24/10/2017.

** Doutoranda em Teologia pela FAJE.

Abstract

The present paper presents a reflection on the theme of evil and suffering from the perspective of two authors, who stand out for doing a theology committed to the paradigms of the contemporary world: Edward Schillebeeckx and Andrés Torres Queiruga. Schillebeeckx left the markings well laid out, so that Queiruga could direct his analysis from the sources of Schillebeeckx's theology. After showing that the problem of evil goes through time and continues to be pertinent in the present day, the paper makes a balance, accentuating the similarities, dissimilarities and contribution of the authors to this problem.

Keywords: Schillebeeckx, Queiruga, suffering, evil, Christianity.

Introdução

A tradição cristã e a teologia sempre afirmaram que o cristão não é só aquele que ouve o credo como um dogma de fé, mas também aquele que experimenta em sua vida e assume a própria existência de Cristo. Essa experiência gera compromisso de estar ao lado dos mais sofridos e injustiçados, daqueles que são atingidos pelas várias formas de mal existentes no mundo. Todavia, essa práxis que caracteriza o ser cristão sempre esteve carregada de desafios e a maior dificuldade recai na tentativa de afirmar a fé cristã diante da problemática do sofrimento humano e do mal no mundo. Apesar de, ao longo da história, a questão do mal sempre estar nos discursos teológicos e filosóficos, essa ainda continua sendo uma das tarefas mais difíceis e, ao mesmo tempo, mais urgentes da reflexão teológica atual.

Alguns autores modernos trazem uma reflexão que, sem levar a termo este debate, ajudam a pensar teologicamente esta problemática que atravessa os tempos e continua sendo muito pertinente na atualidade tão marcada por desgraças e maldades proporcionadas por experiências dolorosas. Não faltam também teologias comprometidas com o "bem estar light", fazendo propostas que até contradizem com a dinâmica cristã e esvaziam o verdadeiro sentido da fé. Não podemos deixar de acentuar tais propostas como problemáticas, e delas nos afastamos enquanto práxis teológica que busca dar razões de sua esperança ante a realidade da dor e do sofrimento no mundo.

Para pensar esta problemática seguiremos a esteira do pensamento de dois autores que ousaram na reflexão e nos deixaram o legado a partir de uma teologia comprometida com os paradigmas da Modernidade: Edward Schillebeeckx e Andrés Torres Queiruga. Não podemos deixar de acentuar,

desde já, que o primeiro autor, Schillebeeckx, deixou as balizas bem traçada para o segundo direcionar sua análise, pois, de fato, Queiruga bebe das fontes da teologia Schillebeeckxiana.

1. O mal no pensamento de Schillebeeckx

Na obra de Schillebeeckx, o problema do mal recebe um tratamento especial, precisamente no segundo volume de sua cristologia, intitulado na tradução espanhola *Cristo y los cristianos: graça e liberação*. Uma vez que, do início ao fim, trata da salvação em Cristo, caberia dizer que o mal seria, negativamente, o tema da obra (Cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 653-712)¹. Embora não explicitando diretamente a questão ontológica do mal, Schillebeeckx define muito bem que Deus é, por natureza, o antimal, e que toda a sua presença em Jesus é salvadora e contrária ao mal (Cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 706).

1.1 O mal como contrário aos planos de Deus, o antimal:

Evitando, portanto, o fundamentalismo de entender o mal como castigo, promoção humana ou processo educativo, Schillebeeckx chega a conceber que alguma forma de sofrimento pode ser transformadora. No entanto, também admite que a história está permeada por um tipo de sofrimento opressor que não pode ser justificado por nenhuma boa causa:

Existe em nossa história um excesso de mal e sofrimento, uma exuberância selvagem de dor que resiste a qualquer explicação e interpretação. O sofrimento absurdo é demasiado para ser racionalizado numa chave ética, hermenêutica e ontológica [...] Devido à sua amplitude e densidade histórica, o mal e o sofrimento constituem o ponto obscuro de nossa história (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 707).

Sem atingir a raiz do problema do mal, Schillebeeckx o reconhece como sendo um mistério. E, diante do mistério da existência do mal e do sofrimento que permanecem em nossa história aparece o desafio de como combinar um Deus bom e misericordioso que dá a vida plena em Jesus, com os horrores da história? Esta dificuldade pode levar a repetir uma

¹ Embora reconhecendo que toda a obra, de alguma forma, aborda a problemática do mal, é no segundo capítulo da quarta parte do volume que este tema ganha um acento importante.

compreensão da ação de Deus de forma intervencionista, a partir da qual se entende que Deus poderia ter evitado a cruz e, conseqüentemente, o mal.

Todavia, é preciso mostrar que, apesar de todas as aparências, a presença do mal no mundo não contradiz a fé em Deus. O mal diz respeito a qualquer ser humano, independente de crer ou não. Isso leva a afirmar que a cruz foi inevitável: Deus não planeja e nem permite a cruz, mas acompanha Jesus até às últimas conseqüências. E, apesar da cruz, quer a vida.

Essa realidade, ao mesmo tempo em que é desconcertante, também é iluminadora, pois revela um Deus que, além de estar ao lado da humanidade diante do mal, sofre igualmente com ela. De fato, o mal afeta Deus em seu amor. Não obstante a inevitabilidade da cruz, Deus anuncia a vitória da ressurreição, afirmando que a morte ou qualquer forma de mal carecem de futuro.

Mesmo tendo por pressuposto que o mal não provém de Deus e que, em última instância, pode surgir da finitude da criatura, a pergunta ainda soa com insistência: como testemunhar, em meio a tanto sofrimento, que em Cristo já se experimenta uma vida ressuscitada? Sem formular uma resposta, mas refletindo sobre esta questão, ainda imerso no enigma do mal, Schillebeeckx afirma:

Já que não somos capazes de justificar o mal e a imensurável quantidade de sofrimento que acontecem, contrários à vontade de um Deus que só é capaz de querer o bem, a única coisa que nos cabe é a práxis da resistência, na qual nos empenhemos em transformar a história (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 708).

De fato, não é possível crer num Deus como libertador e antimal sem se comprometer com a causa do reino, contradizendo toda forma de sofrimento. Neste sentido, a experiência de uma vida em Cristo ressuscitado pode ser captada não só na esperança do fim, mas no amor presente que antecipa, nas condições históricas, o acontecido na ressurreição. Deste modo, a vida nova em Jesus Cristo adquire sentido na experiência do homem e da mulher hodiernos.

1.2 A interpretação de Jesus diante do sofrimento humano

Schillebeeckx afirma que a interpretação que Jesus faz do sofrimento está relacionada com sua relação íntima e pessoal com Deus. Para o autor Deus e o sofrimento estão diametralmente opostos, onde está Deus, não

cabe o sofrimento. Em Jesus a ideia de sofrimento como castigo também está excluída: no episódio do cego de nascença (Jo 9,2-3), os discípulos perguntam a Jesus quem havia pecado para que este homem nascesse cego, ele ou seus pais? E Jesus responde que ninguém pecou, tirando o peso do pecado sobre esta doença. O pecado pode acarretar algum sofrimento sim, que deve levar a conversão, mas não se tornar a causa do sofrimento. Jesus mostra claramente em suas curas, como manifestação das "obras do Pai", que Deus quer eliminar o sofrimento, apesar de que temos que ter consciência de que a vinda messiânica de Jesus, vencedor do mal, não é um acontecimento destinado a destruir o mal com as armas de um messianismo nacionalista, senão com a *metanóia* e a conversão. A este respeito ao autor escreve:

A vitória sobre o mal se consegue mediante a obediência de Deus e não com as forças do homem. Jesus chama satanás a quem quer edificar, por meio da violência, um reino de paz sem lágrimas (Cf. Mc 8,27-33; Mt 4,1-12; Lc 4,1-13). Jesus opta pelo amor redentor e libertador, o qual, ainda que diretamente não é um amor desarmante que mova automaticamente a conversão, este amor triunfará sobre a violência (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 709).

Schillebeeckx segue afirmando que a atitude de Jesus deve ser também a dos cristãos e, no caminho de libertação percorrido por Jesus, o sofrimento aparece como consequência efetiva de seu compromisso com a causa da justiça e como denúncia das injustiças. O sofrimento aparece no Novo Testamento como dores de parto que anunciam uma nova era de verdade, paz e justiça. E, neste sentido, segundo o autor, Jesus não aparece como um "libertador", mas sim como um "redentor", porém, a tarefa de libertar o ser humano da dor emergirá sempre como uma tarefa àquele que se coloca nos caminhos de Jesus.

O valor "redentor" do sofrimento consiste precisamente em assumir pessoalmente o sofrimento com um esforço responsável por superá-lo. Pode-se afirmar também que o sofrimento é inseparável de Deus na medida de que ele tem o sofrimento em suas mãos e o tem como partícipe do sofrimento de Cristo (Fl 3,10). Este ponto de vista não pode ser entendido como masoquismo, mas a participação no sofrimento de Cristo faz com que os cristãos encontrem forças para sair de tal situação, assim como Jesus que "nos dias de sua vida terrena, ofereceu orações e súplicas, com gritos e lágrimas a quem podia salvá-lo da morte" (Hb 5,7).

2. A proposta de Andrés Torres Queiruga

Ao tratar sobre o problema do mal, Queiruga afirma ser necessário fazer uma ponerologia (*ponerós* – mal; *lógos* – tratado, discurso), isto é, um tratado do mal. O mal compreendido como um fenômeno humano deve ser abordado como tal e só em segundo lugar, podemos elaborar nossas respostas religiosas². Pensar o mal no horizonte do humano dá-nos fundamento para elaborarmos uma piteodiceia cristã significativa, partindo do Deus de Jesus que cria por amor e sustenta sua criação até sua plena realização. Deus é o antimal, pois o mal é, no plano divino, o sem sentido de existir. É fruto de uma liberdade finita num mundo finitamente bom.

2.1 O mal na perspectiva da finitude humana

O autor segue a linha de reflexão de Leibniz com seu “mal metafísico, afirmando que o mal é um problema humano, pois afeta a todos sem distinção religiosa. Assim, afirma que “na própria finitude está o mal inevitável”, pois o mal encontra sua origem não numa realidade exterior ao mundo, mas na limitação e na finitude do mundo. Por causa de sua limitação, o mundo se apresenta como condição de possibilidade que torna inevitável a existência do mal. A finitude implica imperfeição, e o que sofre de imperfeição é passível do mal, pois está em processo de construção”.

Dito isso, convém lembrar que Torres Queiruga não torna inerente finitude-mal, a finitude não é o mal, mas tão somente sua condição de possibilidade: condição que torna inevitável sua aparição. A pergunta que desponta é a seguinte: Por que, então, Deus criaria um mundo onde a possibilidade do mal seria inevitável? É algo consequente: Se Deus cria, não pode criar-se a si próprio: tem de criar um mundo finito. Mas, se o mundo é finito, comporta necessariamente o mal.

A preocupação de Queiruga é formular uma nova imagem de Deus, ou seja, busca “recuperar” ou “repensar” nossa maneira de enxergar Deus e sua atuação no mundo. Por esse motivo ele sempre pontua que Deus se revela na realização humana e nunca está contra a criatura, ao contrário, está a favor, sempre. Mas como lidar com um Deus que nos ama e com o problema do mal? Como crer em Deus diante das guerras e genocídios, com crimes e terrorismo, com fome e exploração, com dor, doença e morte?

Torres Queiruga introduz um novo conceito dentro da problemática: a *piteodiceia* (do grego *pistis*, fé). A *piteodiceia* é uma nova postura de pensar a teodiceia. A fé é um ato de crer em Deus apesar do mal e isso envolve a necessidade de entender a característica inevitável da criatura, a sua finitude: uma fé viva compreende por instinto que, se há mal no mundo,

² Esta concepção do autor encontra-se na obra *Repensar o mal*, de Queiruga.

não é porque Deus o queira ou permitiu, senão porque não pode ser de outra maneira: em última instância, porque resulta inevitável.

Agora não é mais uma questão de onipotência ou soberania, é uma questão de amor, este sim poderoso. Essa nova perspectiva faz toda a diferença: crer que Deus cria por amor e que por isso toda a sua força está sendo aplicada em ajudar na luta contra o mal, contra tudo aquilo que fere, oprime e distorce. Deus está do lado da criatura e contra o mal. O argumento do autor segue a ideia da superação de uma teologia que se distancia de uma visão metafísica de Deus (que ficava distante de nossas misérias, imutável e intocado por elas). Completa esta visão afirmando que a compreensão de Deus salienta o seu caráter ativo na história. Amado, afetando-se com o sofrimento, e respeitando a autonomia humana está sempre voltado para a realização e a possível felicidade do homem e da mulher. Deus está transcendendo-nos de dentro, impulsionando-nos com amor rumo ao nosso bem e a nossa realização. “Ele é o primeiro afetado porque o mal que nos acontece ou que cometemos, consiste, antes de tudo numa contradição direta à sua ação criadora” (Cf. QUEIRUGA, 2004, p. 223)³. Daí sobressai uma imagem cara ao autor, de “Deus como o grande companheiro, o camarada no sofrimento”, mobilizando todos os recursos, solicitando a nossa liberdade, para, colaborando com ele, lutar contra o mal. É importante salientar que para o autor a nossa tentativa de lutar contra o mal é sempre resposta à iniciativa do amor divino.

2.2 A negatividade de uma ideia intervencionista de Deus

A mudança cultural que se instaurou com a modernidade, levou a uma visão de mundo, que, desdivinizado, desmistificado e reconhecido no funcionamento de suas leis, obrigou também uma releitura dos textos bíblicos. Com essa mudança de paradigma, a teologia também se encontra em uma situação nova: a ação de Deus não é concebida segundo um padrão intervencionista e milagroso, que não corresponde nem à experiência religiosa, nem à experiência histórica e a revelação não é um ditado milagroso e autoritário que deve ser tomado ao pé da letra. A dificuldade em lidar com a visão tradicional de milagre aparece com a descoberta da autonomia funcional do mundo: tudo o que acontece na esfera empírica tem também uma causa empírica tudo está ligado com tudo, de modo que modificar algo implica uma modificação do conjunto. Um Deus que agisse empiricamente seria considerado entre as causas mundanas. Deus não pode intervir no mundo, de forma a contradizer as suas leis. Ele está “sempre em ato” e não depende de um motivo, de uma petição ou de uma intercessão de algum santo para agir.

³ O mal não é proveniente de Deus, o único bom (Mt 10,8), mas também não lhe é totalmente externo. O mal afeta Deus porque a criatura não é um produto alheio a ele.

A concepção da ação de Deus provinda por uma motivação externa secundária, nega a infinitude de seu amor, pois, parece que sem ela não reconhecemos seu amor infinito e totalmente atualizado. Este tipo de atuação também poderia causar uma distorção em sua imagem: sendo tantas e tão graves as necessidades e, dado à sua onipotência, nada lhe custaria multiplicar os milagres e, se não o faz parece ser avaro e indiferente ao sofrimento de tantos. Ou ainda esta visão acarretaria maior gravidade, pois conceberia a possibilidade de que Deus agiria com favoritismos e ainda este discurso pode resvalar pelo terreno de tentar convencer Deus mediante oferecimento de sacrifícios ou acudindo às influências de intercessores. Assim, Queiruga se expressa a respeito da insuficiência da visão tradicional dos milagres para tratar do mal como contrário aos planos de Deus:

O milagre é um recurso inútil no discurso da teodiceia porque sempre restariam males a curar e milagres sem realizar. E esta lógica levaria a destruição do próprio mundo que assim se pretenderia regular. Porque o mal provém das insuficiências e dos erros provocados pela finitude, uma onipotência milagrosa teria que ir eliminado uma a uma as deficiências até anular a própria finitude (QUEIRUGA, 2011, p. 245).

Assim como o milagre, a providência também é apresentada pelo autor como ação criadora a agir nas criaturas no mundo. Acautela-se e diz que a concepção de providência não deve interferir na legítima autonomia mundana a base de intervenções milagrosas. Sem romper o mundo, mas atuando a partir de dentro dele, através da liberdade humana, a providência pode fazê-lo avançar historicamente, além do que podem dar de si as leis físicas alcançando-se assim os milagres do avanço cultural e das obras do amor e da solidariedade. Através do consentimento desta mesma liberdade a providência assumiu o “arriscado negócio” de ter que contar com as resistências e contradições, as quais podem introduzir no mundo o pior: os infernos da opressão, os holocaustos, as guerras, etc.

2.3 A oração de petição diante da problemática da dor e do mal no mundo

Introduzindo esta temática, Queiruga deixa claro que ele não tratará da oração em si, mas de uma dimensão muito concreta da oração: a petição, pois este modelo de oração carece de sentido. Sem negar a boa vontade e a intenção subjetiva com que se fazem estas orações, é inegável que em seu sentido objetivo estão implicando uma imagem pervertida de

Deus. O autor exemplifica dizendo que se dirigimos a nossa oração pedindo a Deus que cure a fome das crianças da África, fica subtendido que, parece que ele não quer curar, pois temos que pedir. A oração deve se direcionar à tomada de consciência das pessoas responsáveis por esta situação, para que elas tenham atitude ética e humanizadora diante desta realidade.

Comentando Santo Agostinho argumenta que as palavras da oração são necessárias para nós e não são meios pelos quais esperamos informar ou convencer Deus. Dizendo que a oração não muda Deus, mas quem a oferece, Queiruga afirma que a Tradição, na época de Agostinho ainda não podia romper com a letra, mas que a exegese permite hoje este rompimento. Afirma que a oração deve ter características de abandono e não de petição. "A petição aparece transcendida pela confiança radical que sabe que diante do Deus de Jesus a resposta verdadeira consiste na acolhida agradecida e obediente: nessa atívisima passividade, que como dissera Paulo, consiste em 'deixar-se salvar por ele' (2Cor 5,20)". Segue aludindo Paulo para confirmar seu pensamento:

"E igualmente o Espírito acorre em socorro de nossa fraqueza, pois não sabemos como pedir para orar como convém com gemidos inefáveis, e ele, que perscruta os corações, conhece qual é a aspiração do Espírito, e que sua intercessão a favor dos santos é segundo Deus" (Rm 8,26-27).

A iniciativa está em Deus e é a sua presença ativa e salvadora que inicia o movimento em cujo discernimento, acolhida e agradecimento adorante, consiste a verdadeira oração. O autor adverte que não é possível tomar certas palavras dos textos bíblicos literalmente, como "pedis e recebereis", pois estas palavras apontam para a confiança absoluta em Deus. Exemplificando isso faz uma passagem pelo Novo Testamento citando alguns textos: em Mt 6,7-8 "quando vos puserdes a rezar, não sejais repetitivos como os pagãos que acham que serão ouvidos pelo muito falar (.....) vosso Pai sabe do que precisais". Em Lc 11,9, o convite a pedir não expressa a insistência, mas a confiança sem reservas de sermos ouvidos sempre. A afirmação de Mc 11,24 "quando pedirdes na oração, crede que já o haveis recebido e vos será dado", expressa uma confiança sem limites, que aparece como fundamental na intenção de Jesus. Conclui dizendo que a petição pode implicar uma lesão da confiança em Deus acentuando que as coisas más acontecem porque Deus as manda, ou porque não as quer solucionar.

Em sua reflexão sobre o mal Queiruga entra na questão do Holocausto, tendo em vista algumas ideias que ligam o holocausto à questão dos judeus, como povo escolhido. A visão que, ora ou outra, passou na consciência de alguns judeus, é de que fazia parte dos planos de Deus que os judeus

morressem (QUEIRUGA, 2011, p. 269)⁴. O autor acha que se deva evitar a categoria "holocausto", pois na Bíblia corresponde a decisão de um indivíduo de "apresentar uma oferenda para honrar e reverenciar o criador". Hoje para falar deste horroroso extermínio, muitos preferem usar o termo *Shoá* que significa catástrofe, destruição ou extermínio. O autor acentua que esta tragédia deve ser tratada ao lado, não à parte, de outras particularidades históricas para não ser negada e nem subestimada. Os inúmeros escritos sobre tal acontecimento faz com que hoje a humanidade se sensibilize diante dos horrores. A própria teologia recebeu este impacto e mudou o seu modo de pensar e sua práxis (QUEIRUGA, 2011, p. 273)⁵.

Queiruga ainda afirma que a relação com os judeus, a partir da fé cristã, levaria a pensar que, em vista ao amor incondicional de Deus, o povo judeu e sua religião estão sob o seu amor em igualdade fraternal com todos os povos e todas as religiões. Assim, conclui a questão dizendo que a *Shoá* não é uma decisão divina, mas é um exemplo de que a vontade de Deus é derrotada no mundo.

3. Dialogando com os dois autores:

A este ponto da análise é preciso fazer um balanço na reflexão dos dois autores acentuando as semelhanças - dessemelhanças e a contribuição do pensamento de ambos. Embora Schillebeeckx se incline mais à tendência de entender o mal como mistério e Queiruga siga a esteira de Leibniz, compreendendo o mal como finitude, ambos evitam o fundamentalismo de entender o mal como castigo, promoção ou processo educativo. A afirmação de ambos os autores conflui concedendo que Deus se coloca contrário ao mal no mundo e que não é possível fazer um paralelo entre Deus e o mal, porque esta dinâmica é dissociável e desigual, pois Deus sempre estará subtraindo o mal e eliminando-o, querendo o bem do ser humano e, portanto, Deus é visto como o antimal.

Schillebeeckx afirma que Deus, o antimal, convida ao trabalho na história, na luta contra o mal. Trabalho permeado de esperança, de esforço solidário pelo bem humano. Schillebeeckx ainda afirma que quem vive da fé em Jesus, mas deixa de lado sua experiência com o Abbá, o qual motivou uma atitude coerente com a sua vontade, na verdade está vivendo uma utopia. Se, de fato, o cristão assumir a mensagem e a praxes de Jesus estará também ele levando uma notícia de felicidade para o mundo inteiro, alegrando especialmente os pobres e os mais sofridos (SCHILLEBEECKX, 1983, p.261).

⁴ Queiruga cita o comentário de um Pastor chamado Gruder que entende que, de alguma razão, fazia parte dos planos de Deus que os judeus morressem.

⁵ Queiruga afirma que muitos teólogos, sensibilizados pela dor no mundo fazem emergir esta temática em seus escritos, como por ex. J. Moltmann, J. B. Metz e os teólogos da libertação.

Os dois autores, ao falar da temática da luta contra o mal contam com um modelo bem concreto na figura de Jesus de Nazaré. Com sua vida, Jesus surge na Galileia pregando aos que sofrem, socorrendo os feridos, consolando os pobres e marginalizados. Em Jesus e o seu destino não só constituem o modelo, senão também a verificação do verdadeiro sentido e eficácia do Deus reconhecido e confessado como o Antimal. A sua mensagem tinha como ponto fundamental uma nova imagem de Deus, o *Abbá*. Por conta disso, contrariou religiosos que detinham a mediação do Sagrado, passou e experimentou a realidade do mal a ponto de ir parar na cruz pela mensagem do Reino de Deus. Ele sofre conosco a existência inevitável do mal na cruz. Lá, Deus não planeja, muito menos permite, mas suporta a morte como algo inevitável, por amor. Deus sofre com Jesus na cruz, mas também anuncia a vitória com sua ressurreição.

4. Conclusão e abertura

Procurando ser coerente com a reflexão dos dois autores comentados acima, devemos afirmar que eles, apesar de apontar a necessidade de uma prática em relação a dor e o sofrimento no mundo, trataram desta problemática a partir do contexto religioso e social de cada um (países europeus) e não entraram em questões elementares vivenciadas pelos países pobres, a partir do sofrimento oferecido pela pobreza e opressão. Com uma teologia comprometida com os paradigmas da Modernidade (subjetividade, autonomia, racionalismo), Torres Queiruga e Edward Schillebeeckx souberam, de forma eloquente, desvencilhar Deus de uma linguagem etérea e abstrata e fazer com que a mensagem transmitida fosse compreensível ao homem e a mulher modernos e respondesse às interrogações vitais que se colocam. Porém, apesar deste mérito, faz-se necessário alargar a reflexão a partir do contexto latino americano.

Embora nem Schillebeeckx e nem Queiruga façam, por circunstâncias culturais, é preciso acrescentar que, na América Latina, a reflexão da problemática do mal leva a uma práxis bem precisa: a de “descer da cruz os crucificados por um tipo de morte infligida por estruturas injustas” (SOBRINO, 1994, p. 367)⁶. Nesse cenário diversos teólogos têm seu devido destaque na respectiva abordagem teológica aproximando-a do lugar onde ressoam os gemidos dos pobres e injustiçados. Só para citar alguns que incomodaram pela maneira despretensiosa de abordagem, temos: Leonardo Boff, com uma eclesiologia comprometida em favor de uma Igreja mais pobre; Gustavo Gutiérrez, com sua temática libertadora e Jon Sobrino, com a cristologia a partir das vítimas. Estes autores, dentre outros, não se mantiveram omissos diante da paisagem de gemidos que compõem

⁶ A reflexão de Sobrino pode ser aprofundada também nas obras: *Cristologia a partir da América Latina* e *La fe en Jesucristo: ensaio desde las víctimas*.

história latino-americana e trataram da temática do mal, a partir da realidade bem concreta de milhares de pessoas que sofrem opressão.

As diversas feições dolorosas no mal que se descortinam no horizonte da América Latina, não devem ofuscar nossa visão para acentuar um aspecto importante desta temática. Sem justificar, de forma alguma, o problema do mal, percebemos que hoje há uma corrida desenfreada para se livrar de qualquer circunstância que pode acatar alguma espécie de sofrimento. Sabendo que estamos pisando num terreno delicado ao fazer emergir esta constatação ao lado da reflexão dos pobres de nossa América, faz-se necessário citar esta tendência que vem esvaziando a verdadeira dinâmica da vida cristã. As pessoas exercitam uma verdadeira ginástica do prazer, procurando, a todo custo, gozar de um mundo paradisíaco, sem dores e sem mal.

Este tipo de mentalidade pode acarretar em respostas minimizadoras à problemática do mal. Em consonância com o pensamento dos dois autores citados, afirmamos que o mundo em si é bom, mas como não é perfeito e acabado logo é afetado pelo mal. E ainda, fazendo alusão à reflexão de um teólogo contemporâneo Latino-americano, Manuel Hurtado, lembramos que o cenário da vida marcado pela dor, enfermidade e sofrimento pode também abrir possibilidades para o ser humano compreender o mistério de Deus em sua vida. O sofrimento não necessariamente pode ser assumido na sua dimensão negativa, mas é possível ressignificá-lo. A este respeito ele afirma:

As doenças e enfermidades não são empecilho para entrarmos num itinerário de fé. Elas nos abrem caminhos surpreendentes, e são ocasião de nos fiarmos nas próprias potencialidades e na palavra dos outros, para acreditar no mistério da vida. Além das situações de exclusão social ou de doença que são as mais evidentes, podemos evocar também as zonas de culpa humana, visando a uma verdadeira reconciliação, qual passagem da posição encurvada à ereta. Encarnar a dignidade de sujeitos humanos, ser verdadeiramente pessoas no encontro com aquele que “não esmaga a cana quebrada nem apaga a mecha que ainda fumeja” (Mt 2,30): Eis o desafio! (HURTADO, 2013, p. 9-22, 2013).

Este é um desafio que acompanha a dinâmica da vida cristã hoje e não é fácil ajudar as pessoas imersas num imaginário popular do “não sofrimento a todo custo” fazer uma experiência diferente. O pentecostalismo, que ao mesmo tempo acentua a necessidade do mal para sustentar seu discurso triunfalista de “poder libertar do mal” agrava esta

problemática. O maligno é interiorizado, e o exorcismo bem-sucedido é sinal de bênção de Deus na vida do fiel. É deste caminho "light" de querer a todo custo se livrar do mal que devemos nos afastar. A via é seguir o Cristo, carregando e ressignificando as cruzes, favorecendo uma práxis esperançosa e libertadora a todos aqueles que "vivem na escuridão", possibilitando-os a uma verdadeira experiência de vida nova a partir do ressuscitado.

Schillebeeckx e Queiruga entenderam muito bem que o testemunho cristão ainda teria significado para o ser humano moderno se referido à situação atual e concreta em que viviam. E, neste sentido, eles lançam luzes ao nosso tempo, denominado por alguns autores como pós-moderno, afirmando ser necessário ajudar o homem e a mulher, principalmente aos que sofrem, a fazer uma experiência de fé em Jesus Cristo, pois, mesmo diante de um panorama muitas vezes desolador, habita o amor de um Deus que acompanha com ternura incansável todos os crucificados da terra. Agora, só podemos ver como se fosse num espelho (1Cor 13,12), porém, o destino de Jesus assegura que, um dia, a bem-aventurança será clara e gloriosa.

Bibliografia

BIBLIA DE JESRUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2001.

HURTADO, Manuel. Fé e seguimento. *Revista de Espiritualidade Inaciana*, n.91, p. 9-22, 2013.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar a ressurreição: A diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Repensar o mal: da ponerologia à teodiceia*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, la história de un viviente*. Madrid: Crisandad, 1983.

_____. *Cristo y los cristianos: gracia y liberación*. Madrid: Crisandad, 1982.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador: a história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994.

_____. La resurrección de Jesús desde las vitimas. *Selecciones de teología*, Barcelona, v. 39, n. 156, 2000, p. 259-262.